UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

FRANCISCO DE ACACÍ VIANA NETO

LETRAMENTO VISUAL: UMA PERCEPÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO MÉDIO

CARAÚBAS – RN
2019

FRANCISCO DE ACACÍ VIANA NETO

LETRAMENTO VISUAL: UMA PERCEPÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras Libras.

Orientadora:
Profª. Esp. Isabelle Pinheiro Fagundes.

CARAÚBAS – RN
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

V614l Viana Neto, Francisco de Acací .
LETRAMENTO VISUAL: UMA PERCEPÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO MÉDIO / Francisco de Acací Viana Neto. - 2019.
53 f. : il.

Orientadora: Isabelle Pinheiro Fagundes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras, 2019.

1. Letramento visual. 2. Multimodalidade. 3. Alunos surdos. I. Fagundes, Isabelle Pinheiro, orient. II. Título.orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

FRANCISCO DE ACACÍ VIANA NETO

LETRAMENTO VISUAL: UMA PERCEPÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO MÉDIO

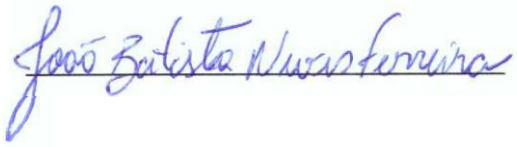
Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Áridocomo exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras Libras.

Defendida em: 18 / 03 / 2019

BANCA EXAMINADORA

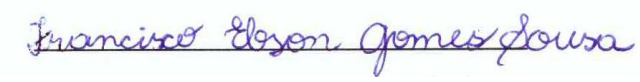
Profª. Esp. Isabelle Pinheiro Fagundes

Orientadora – UFERSA



Profª. Esp. João Batista Neves Ferreira

Membro Examinador - UFERSA



Prof. Me. Francisco Ebson Gomes Sousa

Membro Examinador - UFERSA

Acima de tudo, agradeço a Deus por mais esta realização.

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo apoio, pelo amor e pelo carinho.

AGRADECIMENTOS

Finalmente, sou grato a Deus pelo dom da vida, pelo amor e privilégio que me foi concedido em partilhar e compartilhar os caminhos do aprendizado.

A minha família que sempre me apoiou e me ajudou muito nesse caminho, especialmente a minha mãe Genilda, e que não mede esforço para auxiliar sempre acreditando no meu potencial.

Natália e Nayana Letícia, minhas irmãs amadas, pela compreensão e pelo convívio, sempre me confiou e me apoiou em todo momento da minha vida.

A minha orientadora, Isabelle Fagundes, pela dedicação, com sua orientação a qual foi muito preciso para esse projeto, sua parceira nessa caminhada, principalmente pelo ensinamento valioso e por contribuir com apoio no estudo da pesquisa.

Aos amigos ouvintes e surdos (citados todos) da convivência e do curso de Letras Libras, pelo apoio e pelo fortalecimento de minha causa, especialmente a Associação de Surdos de Caraúbas (ASCAR), meu obrigado!

Agradeço ao amigo querido Agnaldo Gondim pelo apoio incondicional e convívio.

Agradeço aos professores do curso de Letras Libras, com a troca de novas ideias e das descobertas na aprendizagem.

A todos de uma forma ou outra que se fizeram importante e presente nesta minha caminhada.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

(...) Olho do mesmo modo como que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngues. Ofereço-lhes minha diferença. (...)
O vôo da gaivota

Emmanuelle Laborrit

RESUMO

A pesquisa realizada na escola de ensino regular, situada no interior do sertão potiguar, está voltada na percepção e compreensão da experiência visual para o surdo e sua relação com o letramento visual. Tendo em vista que ela apresenta uma metodologia de ensino com elementos multimodais para o aprendizado de Libras na escola de ensino regular, especialmente o Ensino Médio, evidenciando os elementos visuais para o surdo na estratégia de ensino de línguas no âmbito escolar e sobre a percepção dos alunos surdos que estão envolvidos nesse processo, possibilitando para esse estudo de pesquisa junto aos tradutores intérpretes e suas experiências. O seu objetivo geral, consiste em analisar como acontece a aprendizagem de Libras dos alunos surdos do ensino médio em uma escola pública na cidade de Caraúbas pelo letramento visual. Para auxiliar no objetivo geral, proponho por meio dos objetivos específicos: perceber como acontece o letramento visual dos alunos surdos na aprendizagem da Libras; averiguar quais as estratégias utilizadas no ensino para os alunos surdos; analisar a possibilidade de ação educativa dos alunos a fim de aprender com sua percepção visual sobre as metodologias do ensino de Libras. Metodologicamente, o estudo desenvolvido trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, utilizando para a coleta de dados da entrevista semiestruturada como o questionário contendo, para alunos surdos, as perguntas abertas com imagens, além da aplicação pelo pesquisador em Libras, sendo apresentados os recursos imagéticos, para tradutores interpretem, com perguntas abertas, que possibilitaram registrar a opinião dos participantes, onde foi feita e sobre suas experiências, bem como possíveis facilidades ou dificuldades no uso de determinados produtos e sistemas de serviços de comunicação. Então, com a análise das discussões, percebe-se o que se resulta no contexto escolar de letramento a qual os alunos surdos aprendem, naturalmente, dentro de comunicação visual, entre tantas outras possibilidades de conexão.

Palavras-chave: Letramento visual; Multimodalidade; Alunos surdos.

ABSTRACT

The research carried out at the regular school, located in the interior of the Potiguar backwoods, is focused on the perception and understanding of the visual experience for the deaf and its relation with visual literacy. Considering that it presents a methodology of teaching with multimodal elements for the learning of Libras in regular school,especially the High School, evidencing the visual elements for the deaf in the strategy of language teaching in the school context and on the perception of the deaf students who are involved in this process, enabling this research study with the interpreters translators and their experiences. His general objective is to analyze the learning of Libras of deaf high school students in a public school in the city of Caraúbas by the visual literacy. To help the general objective, I propose through the specific objectives: To perceive how the visual literacy of deaf students in the learning of Libras; to find out what strategies are used in teaching for deaf students; to analyze the possibility of educational action of the students in order to learn with their visual perception about the methodologies of the teaching of Libras. Methodologically, the study developed is a qualitative research, of descriptive and exploratory character, used to collect data from the semi-structured interview as the questionnaire containing, for deaf students, the open questions with images, besides the researcher's requests in Libras, being exposed to visual resources, for translators interpret, with open questions, that made it possible to register the opinion of the participants, where it was made and about their experiences, as well as possible facilities or difficulties in the use of certain products and systems of communication. Then, with the analysis of the discussions, one can see what is happening in the school context of literacy to which the deaf students learn, naturally, within visual communication, among so many other possibilities of connection.

Keywords: Visual literacy; Multimodality; Deaf students.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Recursos visuais na sala de aula 25
Figura 2: Tradução de intérprete 35
Figura 3: Atividades visuais 36
Figura 4: Provas visuais 36
Figura 5: Cartazes visuais..... 36
Figura 6: Sobre línguas 38
Figura 7: Tipo de textos 39
Figura 8: Tipo de textos usando leitura e escrita 39
Figura 9: Material didático 41
Figura 10: Contribuição de alunos surdos 42

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

EM – Ensino Médio

DIREC - Diretoria Regional de Educação e Cultura

MEC - Ministério da Educação

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LP – Língua Portuguesa

LS - Língua de Sinais

L1 - Primeira língua (LIBRAS)

L2 - Segunda língua (Língua Portuguesa)

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil de participantes 32

SUMÁRIO

1. A GUISA DA INTRODUÇÃO 14
2. LETRAMENTO E SURDEZ: PERCEPÇÕES E PARTICULARIDADES NO ENSINO PARA SURDO 19
2.1. LETRAMENTO 20
2.2. LETRAMENTO VISUAL 24
2.3. SURDEZ: ESPECIFICIDADE CULTURAL 27
3. PERCURSO METODOLÓGICO 29
3.1. TIPO DE ESTUDO 29
3.2. *LÓCUS* DA PESQUISA 30
3.3. INSTRUMENTOS DE COLETA 30
3.4. SUJEITOS DA PESQUISA 30
3.4.1. Alunos Surdos 31
3.4.2. Tradutores Intérpretes de LIBRAS 33
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS 34
4.1. FALAS DE TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS 34
4.2. FALAS DE ALUNOS SURDOS 39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 44
REFERÊNCIAS 46
APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Para alunos surdos 50
APÊNDICE B - Para tradutores intérpretes de Libras 51
ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 52

1. A GUISA DA INTRODUÇÃO

Ao abordar o assunto de letramento, tem-se percebido uma preocupação no avanço do desenvolvimento educacional por parte de alguns profissionais para melhorar o diálogo entre os indivíduos envolvidos em relação à inclusão visual para os surdos, principalmente no tocante a interação e comunicação entre aluno e professor, especialmente no Ensino Médio (EM) nas escolas públicas. Muito~~s~~ se discute~~m~~ sobre a melhoria desse processo de ensino-aprendizagem de surdos, embora ainda fragilizada. Há grandes desafios em atender/ensinar alunos surdos com metodologias específicas e especializadas para o ensino, principalmente no tocante a aquisição e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no processo de comunicação.

O presente trabalho já foi desenvolvido a partir da necessidade de se conhecer a realidade educacional dos alunos surdos. Com base nisso, percebe-se a ausência de uma qualificação profissional eficaz nas diversas áreas de ensino, vemos que o ensino tradicional de Língua Portuguesa – LP é ampliado em diversificações e métodos, com estratégias que facilitam ao alunado ouvinte a assimilar com mais rapidez e eficácia para atingir seus objetivos, o mesmo não ocorre para os surdos, para estes há carência em capacitar os profissionais para ensinar através de sua língua natural, a Libras, que é considerada a sua primeira língua – L1, de tal modo que é necessário refletir sobre estratégias de ensino e conteúdo. De maneira, que a língua referência seja a Libras, para a transmissão e aquisição do conhecimento.

Dessa maneira, esta pesquisa apresenta estratégia metodológica diferenciada em adaptar visualmente as demandas para construção da comunicação, através da percepção visual dos alunos surdos do ensino médio de uma escola pública na cidade de Caraúbas-RN, ou seja, foi utilizado o letramento visual como estratégia no ensino entre as línguas, português e Libras, nas experiências visuais dos surdos.

No decorrer desta pesquisa que realizamos na escola de ensino regular voltada na percepção e compreensão de experiência visual para o surdo, e sua relação com os letramentos e demandas para a construção de sentido nos textos construídos para os surdos e os tipos de significações comunitárias e culturais, como figuras visuais, como a caracterização dos surdos enquanto sujeitos visuais, percebemos que as metodologias empregadas corrobora com o apontamento de Skliar (2001), quando afirma que fica restrita a capacidade cognitiva e/ou linguística de compreensão na produção de informação em língua de sinais.

A imagem tem um papel importante no processo educacional, principalmente na educação de surdos, mas ainda não é devidamente reconhecida pelos educadores. Sofiato (2005), discute os usos e significações da imagem nesse contexto, afirmando que a escrita tem nela a sua origem e que desde muito cedo aprendemos a ler essas imagens – mensagens visuais.

Conforme Skliar (1997, p. 141):

> A língua de sinais constitui o elemento identificatório dos surdos, e o fato de constituir-se em comunidade significa que compartilham e conhecem os usos e normas de uso da mesma língua, já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente. Isto é, desenvolveram as competências linguísticas e comunicativa - e cognitiva - por meio do uso da língua de sinais própria de cada comunidade de surdos (SKLIAR, 1997).

Nas últimas décadas, no Brasil, houve lutas e conquistas importantes na comunidade surda, em diferentes espaços, como o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2002), com a Lei nº 10.436, de abril de 2002, que a oficializa como uma língua legítima do povo surdo. A partir dessa lei, o surdo passa a ser visto como desenvolvido em aprendizagem, tendo a Libras como sua primeira língua (L1), e o Português (L2), em sua modalidade escrita, como segunda língua, modalidade esta que o possibilita ter acesso à escrita e à leitura e, por consequência, é um processo que acontece na prática, a incorporação de estratégias de letramento visual na escola.

A Libras apresenta estrutura própria, é realizada em uma modalidade gesto-visual, e "através dela podem comunicar-se tão bem quanto os ouvintes, pois ela permite a melhor integração entre pessoas surdas e/ou ouvintes" (RIBEIRO; SANTO, 2008, p. 179) que apesar da existência da lei promulgada, e ainda por mais que esta seja regulamentada como segunda língua oficial do país (Lei 10.436/2002), esse fato ainda é bastante lento e quase desconhecido por muitos. Por que os professores utilizam sua metodologia sem adaptação visual para com alunos surdos em todas as escolas onde foram matriculados? Por que aplicam atividades avaliativas sem as devidas adaptações visuais? Por que ensinam aos surdos sob dominação do Português?

Infelizmente, as pessoas geralmente acreditam que a Libras é uma representação da Língua Portuguesa (LP) através dos gestos, devido à modalidade sinalizada, porém ela é uma língua completa que contém estruturas e processos que não se encontram no português. Sem um apoio de uma língua materna, não haverá estruturação linguístico-

cognitiva acima mencionada. Para o surdo, o Português falado dificilmente será sua língua materna naturalmente adquirida. (RINALDI, 1997, p.156)

A pessoa surda, através da Língua de Sinais (LS), pode desenvolver a Língua Portuguesa nos vários aspectos locais, políticas, sociais e culturais, como nas escolas, eventos, hospitais, igrejas, bancos, entre outros. A Libras segue o entendimento da Constituição Federal que a determina como oficial, sendo usada para identificar as pessoas, nas placas, nos estudos e no ensino. Percebemos que o ensino de LP tem sido superior no que concerne a transmissão de conhecimentos, fazendo com que a Língua de Sinais (LS) seja colocada em segundo plano, mesmo reconhecida legalmente, nos fazendo refletir sobre nossa prática pedagógica hoje, tendo-se noção das múltiplas culturas presentes em nossa sala de aula como também a multimodalidade (ROJO, 2012).

Nesse contexto, as duas línguas ditas acima, vinculam-se a educação bilíngue onde os sujeitos surdos desenvolvem sua comunicação visual e sua escrita. Portanto, poderia mencionar a questão linguística na possibilidade de proposta de educação bilíngue, "busca respeitar o direito do sujeito surdo, no que se refere ao acesso aos conhecimentos sociais e culturais em uma língua que tenha domínio" (SKLIAR, VICTOR, 1998, apud, et al, 2010).

As propostas educacionais começam a estruturar-se a partir do Decreto 5.626/05 que regulamenta a Lei de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Dessa forma, os surdos passaram a ter direito ao conhecimento a partir desta língua. O português é utilizado na modalidade escrita, sendo a segunda língua, e a educação dos surdos passa a ser bilíngue.

Por recomendação do Ministério da Educação - MEC, o ensino de surdos no Brasil precisa ser:

> (...) efetivada em língua de sinais, independente dos espaços em que o processo se desenvolva. Assim, paralelamente às disciplinas curriculares, faz-se necessário o ensino de língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais. (SALLES, et al; 2004 p 47)

Para que isso aconteça é necessário que o surdo compreenda a escrita a partir de estruturas simples que possam desenvolver e migrar para estruturas complexas com o uso da Libras, caracteriza assim o ensino bilíngue, que parte da metodologia visual, para o desenvolvimento de outras habilidades e também aquisição da LP.

No letramento visual, confirmamos com Martins (2017), que arriscaríamos dizer que é o modo de experimentar as práticas culturais/sociais por meio da visão. Ler os

acontecimentos, fazer parte da dinâmica da vida aprendendo que há uma construção singular no corpo do surdo que o coloca em outra relação com as questões do cotidiano. Perpassam pela visão e por um modo outro de fazer em si os atos em acontecimento. Portanto, um educador de surdos deve estar atento a visualidade do surdo e criar estratégias que mobilizem um aprendizado crítico daquilo que é "perceptível".

Dentro dessas afirmações, Martins (2017) nos apresenta, que podemos levar tais entendimentos para outros campos de estudo. Afinal, é notório que as práticas no sistema educacional, ainda estão muito distantes do ideal onde observa-se o pouco domínio dos profissionais no desenvolvimento nas habilidades e uso de imagens como estratégias de ensino de Libras. Assim, estamos almejando o momento em que grande parte dos surdos que estão matriculados na escola pública vão poder aprender e desenvolver a partir da sua língua natural.

Com esse pensamento, destaca-se a importância da pesquisa, tendo em vista que ela apresenta uma metodologia visual de ensino com elementos multimodais para o aprendizado de Libras na escola de ensino regular, especialmente no Ensino Médio - EM, evidenciando os elementos visuais para o surdo na estratégia de ensino de línguas no âmbito escolar e sobre a percepção dos alunos surdos que estão envolvidos nesse processo, possibilitando para esse estudo de pesquisa junto aos tradutores intérpretes e suas experiências.

Dessa maneira, o trabalho coloca-se no campo das pesquisas sob o processo de letramento visual, tendo como problema de pesquisa: compreender como se dá, e acontece a percepção no processo de ensino-aprendizagem da Libras pelos alunos surdos no ensino médio, com perspectivas do letramento visual e quais as estratégias utilizadas no ensino, pois apesar de os surdos serem idenitários propriamente dito na cultura surda, incluídos na escola tradicional, onde há uma língua majoritária, é necessário saber essas relações na escola é o que interessa esta pesquisa.

Buscando compreender esses processos no ensino para alunos surdos, o presente trabalho objetiva analisar como acontece a aprendizagem de Libras dos alunos surdos do ensino médio em uma escola pública na cidade de Caraúbas-RN através do letramento visual.

Para auxiliar o objetivo geral, propomos por meio dos objetivos específicos:

- Perceber como acontece o letramento visual dos alunos surdos na aprendizagem da Libras;
- Averiguar quais as estratégias utilizadas no ensino para os alunos surdos;

- Analisar a possibilidade de ação educativa dos alunos a fim de aprender com sua percepção visual sobre as metodologias do ensino de Libras.

2. **LETRAMENTO E SURDEZ:** PERCEPÇÕES E PARTICULARIDADES NO ENSINO PARA SURDO

Atualmente, ao analisarmos o processo de aquisição da língua do sujeito surdo, percebemos que a Libras tem aos poucos ganhado espaço na sociedade, sendo valorizada e respeitada. Embora seja um processo lento, é um avanço, pois já há discussões sobre isso, há um espaço para a "voz" do sujeito surdo.

No entanto, sabe-se que as pessoas com surdez enfrentam inúmeros desafios em participar da educação escolar, decorrentes da perda na audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Muitos alunos com surdez são prejudicados pela falta de estímulos adequados, o que impede o desenvolvimento e o seu potencial cognitivo, sócio afetivo, linguístico e político-cultural, o que acarreta perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem.

Dessa forma, nosso pensamento está apontado para o movimento da educação inclusiva, colocando as pessoas com surdez como eixo de sua construção do conhecimento, e dando ênfase à preocupação educacional com a acessibilidade para os surdos. A fim de tentar discutir, quiçá transformar os déficits na educação de surdos das escolas que infelizmente não tem oferecido condições favoráveis para aquisição da linguagem dos surdos, corroborando com isso, Guarinello (2007) nos diz que:

> Tradicionalmente, as questões da linguagem dos surdos têm sido tratadas de acordo com as habilidades de comunicação expressiva e receptiva. A surdez é concebida como uma privação da audição, sendo esse impedimento de acesso aos sons da fala responsável pelas dificuldades de aquisição da linguagem. Nessa concepção, a linguagem fica limitada à fala, e o surdo tem problemas para adquiri-la apenas porque não escuta. Dessa forma, todo o entendimento sobre o processo de aquisição da linguagem e o papel do outro em relação ao desenvolvimento linguístico da criança ficam reduzidos à aquisição da fala (GUARINELLO, 2007, p 35).

Percebemos que os professores com o intuito de educar os surdos tentam de alguma forma adaptar certos aspectos da fala em português e em sinais, porém, a verdade é que não existe uma correspondência linear entre sinais e fala, por isso dificulta a realização das práticas de letramentos.

Sabe-se que a Libras passou a ser utilizada no Brasil, ao meu visto, a partir dos anos 90, então, a comunidade surda pode respirar mais aliviada, pois pode se comunicar através da linguagem que lhe pertencia, uma linguagem latente. Antes desse período, a preocupação dos estudiosos era descobrir um modo para que os surdos desenvolvessem

a linguagem, utilizando, para tal, métodos orais-auditivos que não contribuíram para o sucesso da pessoa surda, principalmente.

Assim, considera-se o reconhecimento da Libras como meio legítimo de comunicação nas comunidades de surdos no Brasil. Tal iniciativa redimensionou, entre outras, a questão dos meios e estratégias para a difusão da Libras em todas as camadas da sociedade.

Depois desse contexto, observa-se o quanto à prática de ensino para surdos em relação a leitura e a escrita do português como a segunda língua - L2. A maioria das pesquisas referem-se às dificuldades e às construções atípicas que os surdos apresentam. Tendo vista, que muitos surdos são considerados iletrados e/ou analfabetos funcionais por não dominarem nem a Libras em sua comunicação sinalizada, nem a LP em sua forma escrita. Dessa maneira, a maioria dos surdos, oriundos de lugares que não existem o atendimento e a capacitação necessária para o ensino de Libras, usam a comunicação de forma de gestos.

Além disso, há uma considerável parte de pessoas surdas em nosso país que não tiveram acessibilidade em Libras no ensino, ou por falta de conhecimento por parte de profissionais, os quais ou não participaram de nenhum curso de capacitação em Libras, ou não cursaram a disciplina de Libras na graduação, que desde a aprovação da Lei 10. 436/02, regulamentada pelo Decreto 5.626/05, tornou-se obrigatória nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia. Esse fato ocasionou um isolamento social, principalmente nas escolas, por estarem inseridos em escolas que não utilizam essa língua. Esses são alguns motivos que podem justificar ao fracasso escolar, dificuldades e obstáculos enfrentado pelos surdos, que em sua maioria, é apresentado pelo próprio profissional quando relata sobre suas dificuldades no processo de ensino ao aluno surdo, principalmente no desenvolvimento da linguagem e das competências de leitura e escrita.

Conforme Goldfeld (1997), a criança não nasce com o pensamento conceitual, ele é aprendido nas suas relações sociais, nos seus contatos com o adulto, por meio da linguagem. A linguagem é o sistema simbólico mais elaborado e, por meio dela, a criança tem acesso ao conhecimento socialmente acumulado. As crianças surdas devem ter acesso o mais cedo possível ao aprendizado da língua de sinais. Quando adquire uma língua, a criança pode trocar ideias, entender as coisas que se passam em seu entorno e constituir a sua linguagem.

Diante disso, Oliveira (1997), ainda de acordo com a concepção de Vygotsky, explica que a linguagem faz parte de uma ação e utilização dos recursos semióticos, como

a pantomima[1], o desenho, a escrita, os sinais, os gestos ditos naturais, a dramatização, a língua oral, e mais ampla importância da mediação no processo ensino-aprendizagem. Para a autora, a relação entre a função psíquica e a realidade não é direta e sim mediada por instrumentos e signos ou de uma imagem simbólica. Os instrumentos são concretos e regulam as ações externas do sujeito e o objeto do seu trabalho, enquanto os signos são auxiliares internos e agem sobre o psiquismo.

2.1. LETRAMENTO

Para mais desdobramentos nas discussões que envolvem a linguagem de surdos, é de suma importância entender as propostas educacionais empregadas com crianças surdas no processo de ensino de leitura e escrita de Língua Portuguesa como segunda língua levando em consideração o sofrimento e as barreiras comunicacionais enfrentado pelos surdos desde o Congresso de Milão, em 1880, a partir dele foi obrigatória a oralização no ensino, ou seja, os surdos precisavam aprender a falar da mesma maneira que os ouvintes, e isso, perdurou por muitos anos. Houve muitas lutas, uma busca incansável em resgatar a língua materna dos surdos, a língua de sinais.

Hoje, a comunidade surda vivencia uma renovação, quebrando as barreiras criadas pelas imposições de uma sociedade ouvintista[2]. Atualmente, os surdos, ainda que de maneira tímida, vem sendo oportunizado, a se comunicarem com sua língua natural, a língua de sinais, diminuído as influências ouvintistas. Esses acontecimentos vêm impulsionando em alguns espaços, incluindo os espaços educacionais, uma evolução, ainda que lenta, no processo de ensino aprendizagem e em novas representações sociais da comunidade surda o que vem a fortalecer a cultura, a identidade e a língua dos surdos.

Descarte, compreender o sujeito surdo é primeiramente conhecer as suas manifestações culturais, para isso, devem ser adotadas algumas perspectivas em relação à surdez, e uma delas vemos com Skliar (1998, p.11) “optar pelo caminho em que a surdez é vista como uma diferença política e uma experiência visual e, assim, pensarmos as identidades surdas a partir do conceito de diferença, e não de deficiência”. Portanto, isso nos leva a refletir sobre como compreender o desenvolvimento social, cultural,

[1] A **pantomima** é uma representação que se realiza através de gestos, mímica e atitudes, sem a intervenção de palavras. O termo provém de um vocábulo grego que significa “que tudo imita”. (Site: https://conceito.de/pantomima)

[2] Para Skliar (1998, p. 15), o termo ouvintismo são “as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos”.

educacional e assim, o seu letramento visual do sujeito surdo, o que difere do sujeito ouvinte.

Falando em letramento, vários estudiosos afirmaram que esse conceito apareceu no Brasil por volta da década de 1980, e logo se percebe uma pequena diferença do conceito de letramento com o conceito de alfabetização. Quanto o primeiro definimos o letramento, segundo Magda Soares (2003), dentro do campo educacional:

> Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. (SOARES, 2003. p. 18)

Entendemos desse conceito que não faz semelhança de Alfabetização, o qual os sujeitos se expressam no processo de aprendizagem, corroborando com Pinheiro (2010):

> Alfabetização e Letramento são, portanto, processos distintos, mas indissociáveis. Vale ressaltar que um não precede o outro e cada um tem sua especificidade. Pode-se, então, alfabetizar letrando e letrar alfabetizando. Essa compreensão é fundamental para o desenvolvimento do letramento nas pessoas com surdez ou deficiência auditiva[3] (PINHEIRO, 2010, p.23).

Entretanto, alfabetizar é diferente de letrar, porque a forma de alfabetizar constitui em as pessoas saberem e conhecerem o que como escrevem, ou suas palavras mesmo que não sabem significá-las, ou seja fazem um processo de codificar e decodificar códigos linguísticos, portanto, a forma de letrar é, pelo contrário, conhecer suas significações, isto é, está ligado a semântica, no entendimento do que se ler ou se escrever. Por exemplo, todas as pessoas que por diversos motivos, não passaram pelos bancos da sala de aula, ou não são bem-sucedidas em seu processo de alfabetização, são classificadas como "não-letradas".

Botelho (2002), afirma que os processos de escolarização não estão voltados para a formação de sujeitos letrados. As escolas de surdos muitas vezes desconsideram e não compreendem a importância da aquisição da língua de sinais, com a finalidade de melhorar o domínio e a fluência do português escrito, possibilitando o desenvolvimento de um letramento social. Por outro lado, a escrita regular não proporciona ao surdo a interação com a língua oral que circula no ambiente escolar não colocando o letramento como objetivo para sua formação.

---

[3] Fonte: Monografia "Estratégias utilizadas no processo de letramento de alunos surdos em língua portuguesa" pela autoria de Viviane da Silva Pinheiro, em 2010.

Contudo, o letramento, como prática social da linguagem escrita, supera o contexto educacional, vai além do espaço dentro da escola, vai até o convívio da sociedade, enfim, o cotidiano da vida entre pessoas a pessoas. Mas, não é um conhecimento pronto, é uma construção contínua, até mesmo infinito, De acordo com os autores Baldo e Iacono (2009), em seu artigo, propõe a mediação do letramento para alunos surdos:

> A proposta de Letramento deve se basear em textos que circulem socialmente, isto é, fazem parte do cotidiano dos alunos. Textos que possibilitem que ele compreenda o mundo e as relações ao seu redor, mas que possa usar esse conhecimento em sua vida diária, visto que aprendemos e incorporamos o que relacionamos com nossa realidade. Tal proposta apresentada é destinada a alunos surdos e será desenvolvida com o uso da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) - língua materna dos surdos - para chegar ao aprendizado da 2ª língua: a Língua Portuguesa. O letramento, então, pressupõe fornecer e subsidiar o conhecimento prévio que o aluno precisa para ler e interpretar (BALDO; IACONO, 2009, p.15).

Portanto, estamos nos referindo à mediação de ensino em um processo de construção de sentidos na leitura, e na escrita dos surdos que decorrerá de processos simbólicos visuais e não auditivos.

Dessa forma, é preciso estar sensível, e perceber a realidade do aluno surdo no ambiente escolar, bem como reconhecer a sua identidade cultural e sua língua natural, para, a partir dela, estimular o desenvolvimento das demais competências, como o caso de uma segunda língua. Pensar o ensino LP para surdos a partir da LIBRAS, por exemplo, é pensar em uma nova realidade “educacional sensível às necessidades pedagógicas dos sujeitos surdos, fazendo previsão de figuras profissionais novas e necessárias à educação de surdos” (LACERDA; ALBRES; DRAGO, 2013, p. 78).

A aprendizagem da língua de sinais deve dar ao aluno surdo, a possibilidade de tornar-se cidadão e compreender seu posicionamento social de forma clara (LINS; MARTINS, 2015). Tendo em vista que os meios de informação e interação, como no caso da internet, apresentam uma gama de elementos muito ricos e concatenados, tais como: vídeos, chats, animações e dentre outros juntos, que produzem mais significados do que isoladamente apresentados.

2.2. LETRAMENTO VISUAL

Partindo do princípio que a educação de surdos se baseia numa experiência visual, reconhecendo a identidade cultural e a língua natural do sujeito surdo, como descreve o Luria (1987) que define a **percepção visual** como um processo ativo de procura de informação. A estrutura percebida é analisada, havendo uma síntese dos componentes com auxílio de linguagem. Pode-se compreender que os sujeitos surdos, apesar de ausência de audição, implicam em dirigir ativamente os olhos percebidos para determinadas direções de fornecer especificamente as informações espaciais, sobretudo o auxílio visual para comunicação.

Dessa forma, só é possível perceber essas relações entre as imagens e o mundo de informações se as pessoas surdas forem capazes cognitivamente de situá-las no espaço visual enquanto se fazem essas percepções visuais.

Como a maioria das percepções visuais se apresenta entre imagens e objetos distintos, o autor Skliar (2001) afirma que muitas vezes a caracterização dos surdos enquanto sujeitos visuais ficam restritas a uma capacidade cognitiva e/ou linguística de compreender e produzir informação em língua de sinais. Este autor coloca em evidência a diferença política e linguística das pessoas surdas devido a suas **experiências visuais,** que eles se receptaram sua comunicação em sua língua, o que busca entender dessas riquezas absorvidas no caminho da criação da identidade de uma pessoa que mostra com que a interação se forma uma identidade mais rica socialmente e culturalmente. O povo surdo compreende o mundo e se expressa a partir de sua língua natural, a língua de sinais, ela é também responsável pelo entendimento do caminho rico para formação da identidade social e principalmente cultural.

Além disso, as experiências visuais baseiam-se no tipo de significações comunitárias e culturais, exemplificando: os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais, humor visual; definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras formas de significações, assim adquiridos com mais facilidade. É com essa perspectiva, que assumimos que textos multimodais podem auxiliar na educação de surdos. Gesueli e Moura (2006, p. 120) atentam para a importância de “se conceber o letramento na surdez como um processo multimodal”. Em seu conceito:

> Multimodal é o gênero que apresenta a materialização em mais de uma forma. Nessa direção, um texto multimodal é caracterizado por uma apresentação textual que envolva palavras, imagens e sons, por exemplo (FIGUEIREDO; GUARINELLO, 2013, p. 179). Então, esses textos são construídos utilizando mais de uma modalidade, ou modos semióticos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), como as imagens, sons, laytout, tipografia, cores etc. Para esta pesquisa aqui, vamos nos limitar apenas ao modo de imagens.

Os outros autores afirmam em seu modo multimodal:

> Percebe-se, assim, que não podemos lidar com a escrita e com a leitura da mesma forma de anos atrás, visto que a realidade vivenciada por nossos alunos e por nós exige ações imediatas no sentido de compreender como texto verbal e imagens realizam significados culturais (NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011, p. 532).

Em sua concepção, segundo a autora Belmiro (1999) define o **letramento visual**[4] como:

> (...) estabelecer caminhos que deem condições de explorar possibilidades de leitura de imagens e de interação através delas amplia o alcance das reflexões acerca dos seus processos e usos. Dessa forma, o letramento visual não se limita a uma série de condições para o desenvolvimento da competência de leitura de imagens, mas sua dinâmica nos ajuda a lidar com uma multiplicidade de linguagens visuais, seja a fotografia, ou a pintura, a escultura, a gravura, o desenho, entre outras, além de fortalecer o entendimento consciente dos usos de diferentes mídias, como o impresso, o digital, a mídia televisiva, os museus interativos etc. (BELMIRO, 1999)

O termo letramento visual, faz parte desse conjunto de novos multiletramentos, é compreendido por Oliveira (2006), como a área de estudo que lida com o que pode ser visto, e como se pode interpretar o que é visto. Segundo a autora, o letramento visual é abordado a partir de várias disciplinas que buscam estudar os processos físicos envolvidos na percepção visual; usar a tecnologia para representar a imagem visual; desenvolver estratégias para interpretar e entender o que é visto. Trata-se de uma percepção ampla de letramento visual, que vai ao encontro dos novos estudos do letramento e dos multiletramentos (GNL, 1996; ROJO, 2012).

De modo, na escola, os alunos surdos letrados percebem as imagens visualmente a qual não interfere com objetivos propostos, sendo necessário que a escola os adapta o conhecimento da "gramática visual" para melhor compreensão dos significados das imagens. Dessa maneira, na escola, os alunos surdos letrados, ao terem suas atividades adaptadas com imagens, ou os professores adaptando suas metodologias acrescentando

[4] Autora: Celia Abicalil Belmiro, UFMG, com a referência: BERGER, J. Modos de ver. São Paulo: Rocco, 1999. Fonte: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-visual

imagens ao material explicado, não interfere no objetivo da aula, mas contribui significativamente no processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos, em sua compreensão de significados. Mostrando os recursos visuais nas seguintes fotos:

Figura 1: Recursos visuais na sala de aula.
Fonte: Autor, 2018.

Dessa maneira, através dos recursos visuais que são as imagens, e/ou a leitura visual é compreendida com mais facilidade e eficiência pelo os alunos surdos, como nos revela Santaella (2012), ler imagens por meio de outras imagens e, talvez, explicá-las por meio de substituições por outras imagens, em links, seria mais próximo da criação artística, muito mais do que constituir-se uma atividade didática, "como fazer", o "para que fazer" e "por que fazer" do letramento visual. Essa teoria mais artística restabelece– ou "combina com" – o que afirmamos da autora Strobel (2008, p. 66): "[...] o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para explorar novas formas de 'olhar' e interpretar a cultura surda".

Letramento visual pode, portanto, ser facilmente vinculado à multimodalidade, uma vez que a semiótica social chama a atenção para todas as formas de construção dos sentidos. Para Kress (2010, p. 79), "modos diferentes carregam potenciais diferentes para a construção do significado e estes potenciais afetam de forma fundamental as escolhas de modos específicos para cada situação de comunicação.

Neste sentido, faz-se necessário que ocorra uma sugestão de modificação na forma de comunicação entre os sujeitos surdos em sala de aula por meio de multiletramentos, ligando essa concepção ao contexto da surdez.

Diversos autores citados acima evidenciam, a partir da experiência visual da surdez, a necessidade de que os processos educativos, que trabalham com surdos letrados,

criem estratégias ou atividades visuais e, principalmente, que possibilitem aos surdos, âmbitos de letramento visual.

2.3. SURDEZ: ESPECIFICIDADE CULTURAL

A perceptiva no que diz respeito à surdez, e ao sujeito surdo, vem mudando ao longo da história e essa perspectiva envolve a língua, a educação, a sociedade e a cultura. Dessa maneira, hoje os surdos se comunicam de outro jeito, hoje eles têm uma língua, a língua de sinais, com toda complexidade, subjetividade e funcionalidade das línguas orais, essa língua corrobora e fortalece a identidade e cultura do povo surdo. A forma da comunicação entre surdez que está em ressalta nas mais diversas perspectivas da sociedade, como educação, cultura, até para própria família. Portanto, o processo de deficiência vem se mudando historicamente devido à expansão de conhecimento por parte de sociedade sobre a surdez, assim entende-se o porquê da evolução linguística em seu tempo, até compreendê-la como diferença identitária.

Nesse sentido, a concepção cultural de surdez faz com que fique claro essa mudança ocorrida, que existem especificidades a respeito da educação de surdos que passaram de uma visão médica até a antropológica, de acordo com Moreira (2007), em seu artigo, explicou em seu surgimento de duas concepções da surdez:

> A primeira concepção é clínico-terapêutica que entende a surdez como patologia, visando a medicalização, o tratamento, a normalização do surdo e os trata de forma assistencialista. A segunda concepção é sócio-antropológica, que entende a surdez como uma experiência visual, uma forma distinta de perceber o mundo, que tem uma maneira diferenciada de construir a realidade histórica, política e social. Essas duas concepções estão intrínsecas nas formas como os surdos são considerados pelas pessoas ouvintes (MOREIRA, 2007).

Diante disso, a concepção antropológica, que é oposta da posição médica, cria um novo paradigma sendo construído para compreender a surdez como uma diferença cultural e de identidade. O conhecimento produzido na área médica desconsidera a surdez como sua identidade cultural e linguística, como Wrigley (1996; apud SÊ 2001, p. 48), ou seja, uma pessoa surda é alguém que vivencia um déficit de audição que a impede de adquirir, naturalmente, a língua oral-auditiva usada pela comunidade majoritária; assim, constrói sua identidade assentada principalmente nessa diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais visuais diferentes das pessoas que ouvem.

Os surdos formam uma comunidade linguística minoritária caracterizada por compartilhar uma língua de sinais e valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios. Segundo Skliar (2001) "a comunidade surda se origina em uma atitude diferente frente ao déficit, já que não leva em consideração o grau de perda auditiva de seus membros".

Então, o surdo não considera o termo "deficiência", como já explicado acima. O surdo é sua identidade própria, assim como ouvinte em seus aspectos, mas a diferença entre eles é a língua. É mesmo através de uma experiência visual e faz uso de uma linguagem especifica, a língua de sinais.

Nesse sentido, é relevante afirma que a identidade depende da cultura, sendo mediada por uma escolha linguística na aproximação da comunidade. O fato de sua base de discussão sob o conceito da cultura surda[5]. Portanto, a Cultura surda possui suas especificidades como qualquer outra cultura.

Strobel (2008, p. 37), utiliza o conceito de "artefatos", que "[...] não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo".

É oportuno salientar que, com seu conceito, o sujeito surdo, muitas vezes, circula entre essas duas culturas diferentes, a surda e a ouvinte. Todavia, sua identidade se coloca com o conhecimento de ser definitivamente diferente por necessitar de recursos completamente visuais.

Além disso, é importante buscar estratégicas colaborativas e metodologias de ensino que atendam a necessidade linguística desses alunos, buscando as técnicas de ensino, possibilitando as percepções visuais na aprendizagem, adquirindo-se para a busca da sua comunicação.

[5] Strobel (2008, p.22) cita a **Cultura surda** como "é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo".

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1. TIPO DE ESTUDO

No decorrer da construção teórica dessa pesquisa, consideramos que se trata de uma base em referenciais teóricos, voltada ao estudo de investigação de campo. Para pesquisa, faz-se necessário o desenvolvimento da capacidade de observar, organizar, analisar e usar o senso crítico sobre a realidade social:

> A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (GIL, 2008, p.19).

Desse modo, a metodologia de pesquisa resulta de uma ação de estudo de procedimentos a serem utilizados pelo indivíduo na obtenção do conhecimento. Esse estudo foi importante para analisar e identificar aspectos envolvidos em tal problemática, a partir da visão de alunos surdos que participam do processo de ensino e aprendizagem, e de obter evidências a respeito de práticas sobre os quais sujeitos aprendem Libras em seu letramento visual.

O estudo desenvolvido trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, ou seja, um estudo de fontes secundárias sobre o tema, objetivando com esse tipo de pesquisa proporcionar maior familiaridade com o problema (GIL, 2008), para tanto, será aplicado o tipo de pesquisa qualitativa utilizada para a análise de pesquisa.

No meio de teoria, entende-se que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Assim, tendo em vista que ela é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14).

Para investigação dos dados da pesquisa, esta foi conduzida pelo modo de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), onde permitiu a análise, discussão e interpretação dos dados de forma fidedigna, embasados na literatura, por meio de categorias desenvolvidas

a partir do questionário elaborado, com perguntas abertas e fechadas, e buscando compreender o assunto e discutir sobre ele. (SANTOS, 2012).

De acordo com Gil (2008), o objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido ou explorado. Assim, se constitui em um tipo de pesquisa muito específica, sendo comum assumir a forma de um estudo de caso. Nesse tipo de pesquisa, haverá sempre alguma obra ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão.

As pesquisas descritivas, por sua vez, têm por objetivo descrever criteriosamente os fatos e fenômenos de determinada realidade, de forma a obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema a ser investigado (TRIVIÑOS, 2008). A grande contribuição das pesquisas descritivas é proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida. Nada impede que uma pesquisa descritiva assuma a forma de um estudo de caso, apesar de essa possibilidade ser mais comum nas pesquisas exploratórias (GIL, 2008).

Entendemos desses conceitos explanados, o qual o pesquisador irá trabalhar no processo de pesquisa, encontrando o uso de recursos existentes, como na escola onde usam para com seus alunos surdos. Durante a pesquisa procurou-se construir informações seguindo o processo de coleta de dados que envolvem a escolha das técnicas e instrumentos de pesquisa. Definido a coleta de informações:

> Deve-se definir as técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo (entrevistas, observações, formulários, história de vida) como para a pesquisa suplementar de dados, caso seja utilizada pesquisa documental, consulta a anuários, censos. Geralmente se requisita que seja anexado ao projeto o roteiro dos instrumentos utilizados em campo (MINAYO, 2007, p.43).

Os dados não serão triangulados, segundo Lüdke e André (1986, p.45), “analisar os dados qualitativos significa trabalhar todo material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”.

Para isso, utilizamos as informações principais da pesquisa como um questionário com recursos visuais para realizar gravação de vídeos com alunos surdos, e para tradutores intérpretes de Libras, com roteiros escritas de perguntas abertas sobre sua experiência de transmissão visual podendo ser consultada em diversos momentos no decorrer da pesquisa.

3.2. *LÓCUS* DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino regular na cidade de Caraúbas-RN. A escola em questão é a única da cidade de Caraúbas que disponibiliza a Educação Especial em Libras ofertando pela 13º Diretoria Regional de Educação e Cultura de Apodi/RN–13º DIREC.

A escola atende alunos surdos desde 2017, por ter o Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Libras, além de professor surdo de LIBRAS, com isso, facilita o processo de ensino e aprendizagem e vem ganhando visibilidade por parte de toda sociedade Caraubense. Vem desenvolvendo oficinas com o propósito de instruir profissionais, para que possam acolher os alunos surdos em suas salas de aulas, contratação de intérpretes de Libras para a mediação entre os conteúdos abordados pelo professor ouvinte e o aluno surdo em sala de aula que vivenciam cotidianamente a política linguística de comunicação como um todo.

3.3. INSTRUMENTOS DE COLETA

Este estudo inicia com uma pesquisa descritiva exploratória, ou seja, um estudo de fontes secundárias sobre o tema, objetivando com esse tipo de pesquisa proporcionar maior familiaridade com o problema (GIL, 2008) para tanto, será aplicado o tipo de pesquisa qualitativa utilizada para a coleta de dados da entrevista semiestruturada como o questionário, contendo, para alunos surdos, as perguntas abertas com imagens, além da aplicação pelo pesquisador em Libras, sendo apresentados os recursos imagéticos. Para tradutores intérpretes, com perguntas abertas, que possibilitaram registrar a opinião dos participantes, sobre suas experiências, bem como possíveis facilidades ou dificuldades no uso de determinados produtos e sistemas de serviços de comunicação.

Objetivando analisar como acontece a aprendizagem de Libras dos alunos surdos em uma escola pública na cidade de Caraúbas/RN pelo letramento visual, elaborou-se para cada objetivo específico.

3.4. SUJEITOS DA PESQUISA

Os alunos surdos e os tradutores intérpretes de Libras dessa instituição são os sujeitos da pesquisa. O *corpus* desta pesquisa será constituído principalmente por dois

grupos, a fim de alcançarmos os objetivos específicos desta pesquisa. Para o primeiro grupo, que é de (**1**) averiguar quais as estratégias de tradução utilizadas na transmissão e no ensino para os alunos surdos, foram usadas entrevistas semiestruturadas com os tradutores intérpretes de Libras.

Para o segundo grupo, que se caracteriza por (**2**) analisar a possibilidade de ação educativa dos alunos a fim de aprender com sua percepção visual, sobre as metodologias do ensino de Libras, foi feito uso de questionário em Libras. Com base nesses dados do primeiro e segundo grupo, propomos alguns caminhos que podem ser adotados nesse modo particular dos alunos surdos de e tentar perceber a intenção das práticas didáticas por meio da visão.

Nessa ocasião, antes de entregar as entrevistas realizadas pelo pesquisador, foi necessário que todos os sujeitos desta pesquisa, tivessem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (**Ver o Anexo**), estando cientes, portanto, a respeito da natureza científica do estudo.

3.4.1. Alunos Surdos

A pesquisa está focalizada no 1º ano do EM, de uma escola de ensino público, cuja as turmas contam com 03 alunos surdos matriculados, sendo um aluno surdo do turno matutino e duas alunas surdas do turno vespertino. A faixa etária dos alunos varia de 17 a 18 anos. O aluno surdo, que será chamada de **Sol**[6], é acompanhado de tradutor intérprete pela primeira vez desde que entrou no Ensino Médio nessa escola referida. Ele está aprendendo Libras na escola há um ano, além de convívio com professor de Educação especial em Libras e tradutor interprete, já desenvolveu rápido através de percepção visual, apresenta surdez profunda bilateral, filho de pais ouvintes, não tem domínio de compreensão do que está lendo, facilita apenas pela imagem e é usuário da Libras. As alunas surdas, que serão chamadas de **Lua** e **Estrela**, ambas são gêmeas, são acompanhadas por tradutor intérprete anteriormente de outra escola. Elas apresentam surdez profunda bilateral, filhas de pais ouvintes, desenvolve bastante domínio do português escrito em sua decodificação e são usuárias da Libras. Existe uma diferença entre Sol, Lua e Estrela no potencial de aprendizagem e desenvolvimento. Nessa escola

[6] Sol, Lua e Estrela são nomes fictícios, colocando apenas com caráter informativo para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

pesquisada é a primeira experiência com alunos surdos e tradutores intérpretes em sala de aula.

3.4.2. Tradutores Intérpretes de LIBRAS

São participantes diretos dessa pesquisa 03 tradutores intérpretes de Libras contratados pelo Projeto de Bolsistas com parceria entre Governo do Estado e a 13º DIREC Apodi, especificando:

Quadro 01: Perfil de participantes

Sujeitos	**Idade**	**Formação**	**Experiência de atuação**
T1	38	Pedagogia/ Letras Libras incompleto e cursos de formação continuada de tradutor e intérprete promovidos por UFC.	14 anos
T2	28	Tradutora intérprete de Libras pela UFERSA, Engenheira de Aquicultura pela UFRN e atualmente cursando Letras Libras na UFERSA.	2 anos
T3	21	Letras Libras em curso, e cursos de formação continuada de tradutor e intérprete promovidos pela UFERSA.	1 ano

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

O letramento visual foi importante na comunicação entre pessoas surdas com a finalidade de gerar conhecimentos e saber, de como acontece a aprendizagem de Libras dos alunos surdos depois de entrar numa escola pública de EM, especialmente nas várias disciplinas mais complexas.

Os resultados foram apresentados com análises e observações obtidas a partir da percepção de aprendizagem com alunos surdos. Assim considerando os dados obtidos obedecendo à sequência das categorias na entrevista como foco os objetivos específicos, apresentamos as discussões para cada um deles, para os tradutores intérpretes de Libras usou-se de entrevista semiestruturada, em relação às experiências encontradas na sala de aula.

4.1. FALAS DE TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS

Especificamente nesta pesquisa, analisamos como os tradutores intérpretes de Libras, que atuam com alunos surdos do EM, realizam e compreendem suas estratégias de tradução, tendo como referência a participação na perspectiva de letramento.

Nesse sentido, trouxemos para compartilhar os pontos de vista da entrevista dos tradutores intérpretes, em que analisamos suas experiências vividas de tradução e interpretação no contexto escolar, cuja percepção de aprendizagem dos alunos surdos em relação a comunicação visual. Nessa análise obtida nas entrevistas transcritas, apenas os T1 e T2 responderam suas entrevistas e somente T3 não respondeu.

A primeira questão indica o nível de desenvolvimento da comunicação de aluno surdo, o tradutor intérprete comenta a situação:

> **T1**: Hoje a desenvoltura e a sinalização está se desenvolvendo bem, o nível de comunicação ainda requer **táticas para uma boa compreensão** do aluno surdo.

Essa resposta foi percebida pelo intérprete em relação a comunicação, ele afirmou que o aluno surdo é visto com bom desenvolvimento, apesar de que ele, o aluno, só tem acompanhamento específico nessa escola matriculado pela primeira vez no Ensino Médio, por conta disso, ele aprendeu a sinalizar, de forma rápida, através de percepção

visual com apoio de tradução transmitida, como o uso de tática para uma boa comunicação, segundo o T1, durante a sala de aula.

Quanto às estratégias de comunicação elencadas pelos surdos, questionamos ao saber sobre a importância da Libras para sua estratégia de tradução com alunos surdos, observe o que eles relatam sua iniciação**:**

> **T1:** A língua de sinais por ser natural para os surdos é encantadora, assim a apreciação pelos movimentos na clareza dos sinais fez com o aluno tivesse o interesse. Como estratégias, utilizo de **classificadores manuais e corporais para criar quadros mentais** que possam dar total condição de aprendizado e compreensão.
>
> **T2:** (...) Estratégias são **classificadores, pantominas**, quando não conhecem algo descrição, explicação do que seria tal coisa e depois **mostrar imagens**. Sempre pergunto aos professores previamente o assunto da aula para ver se tem alguma coisa que eu possa pesquisar previamente, pois existem matérias específicas que tem conhecimentos técnicos específicos que precisam ser pensados antes, formas e estratégias interpretativas para na hora da mediação o conteúdo esteja sendo transmitido de forma clara, para que elas entendam melhor, por exemplo: a aula de tabela periódica procurei uma tabela periódica em Libras para mostrar a elas e isso despertou também o interesse dos alunos ouvintes. Sempre me coloco a disposição para junto ao professor pensar em uma aula que se adeque, com um material mais acessível. **Adaptação de provas e incentivo por parte dos professores**, alunos, intérpretes e gestores por meio de coisas que elas gostam.

Os tradutores intérpretes destacam que, nesse ponto de vista, as Línguas de Sinais (LS) são importantes para comunicação visual de surdos, considerando que a LS não é simplesmente uma versão manual das Língua Portuguesa (LP). Entretanto, a LS, assim como a língua falada, é composta por sua própria gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos que preenchem os requisitos básicos para ser considerado um processo linguístico visualmente que é diferente da língua de ouvintes em suas estruturas.

Figura 2: Tradução de intérprete.
Fonte: Duane Emília, 2018.

Com isso, percebe-se a importância de que o intérprete possua o conhecimento técnico, como classificadores[7], adaptação visual de provas, pois o seu papel no contexto educacional é o de intermediador da comunicação.

Na terceira questão, perguntamos aos interpretes como analisam a comunicação dos alunos surdos, depois da chegada de interprete, apontou que, para os processos comunicativos dos alunos surdos, de modo geral, são variados, pois há se tratar do desenvolvimento da surdez, especificando a comunicação gestual-visual. Em relação aos intérpretes, afirmaram:

> **T1:** Após a chegada do interprete ainda houve uma resistência, mas com **o passar do tempo o aluno passou a internalizar a língua de sinais**. Com essa aceitação os conteúdos curriculares foram compreendidos por estar na língua natural do mesmo, **as estratégias de imagens junto ao sinal contextualizado o aluno**, começou a ter autonomia para expressar-se.
>
> **T2:** Os professores sempre mencionam o desenvolvimento pós intérprete em sala. Acredito que **o desenvolvimento se dá também pelos trabalhos extraclasse desenvolvido pelo professor de Libras no AEE**. Pois elas tendo o conhecimento da língua fica muito mais fácil. De fato, com intérpretes em sala, a transmissão do conteúdo é muito melhor para elas, elas se sentem mais confiantes e participativas em sala de aula quando usam da sua língua. **Antes, elas não apresentavam trabalho, não tiravam dúvidas, não brincavam com alunos (agora jogam uno). Agora fazem tudo isso. Elas até apresentaram o trabalho da feira de ciências em Apodi**.

[7] Classificadores, em geral, são formas que estabelecem um tipo de concordância, que evidenciam uma característica física, atribuindo-lhe uma adjetivação, por meio da qual os elementos sinalizados são representados.

As falas dos tradutores intérpretes entrevistados revelam que eles perceberam as dificuldades encontradas na comunicação quando chegaram para os alunos surdos, pelo fato de não saberem se comunicar, mas tentam falar com eles, através de sinais, sem domínio de Libras que os próprios alunos expressam, sinais inventados pelo próprio intérprete, há uma boa socialização, embora deixando isso a desejar pela melhoria interacional de um trabalho voltado, tanto pelo intérprete como pelo professor de Libras no AEE, para facilitar essa comunicação.

Um dos entrevistados faz uma percepção em relação à estratégia da tradução, afirmando que ela facilita a utilização de processos mentais para a aprendizagem, como por exemplo o recurso das imagens, relacionando novos conceitos a imagens mentais, desenhos, etc. Mostrando os seguintes recursos visuais utilizados:

Figura 3: Atividades visuais.

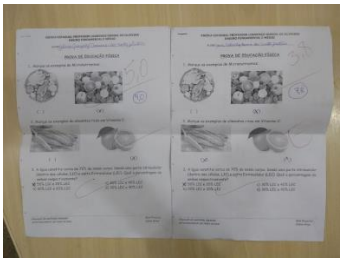


Figura 4: Provas visuais.

Figura 5: Cartazes visuais.

Fonte: Autor, 2018.

Observamos a partir das falas dos entrevistados fatos referentes às dificuldades apresentadas no modelo educativo existente na sala de aula. Quanto ao assunto a ser percebido, nos referimos à mediação pedagógica de tradução, indagamos se existiu alguma dificuldade no início com relação à transmissão dos conteúdos e assimilação em sala e a comunicação de ambos, os intérpretes afirmaram:

> **T1:** A dificuldade foi apenas do **não conhecimento do aluno na sua língua natural,** também o pouco conhecimento de mundo por ele, mas foi contornado a situação com o decorrer do tempo. Ainda existe uma **dificuldade no português na modalidade escrita**.
>
> **T2:** Sim, no início foi mais difícil, pois não sabia até onde entendiam o que eu interpretava. Elas diziam que entendiam, só que, na verdade, não estavam entendendo, pois **elas não tinham conceitos de coisas básicas**. Por exemplo, RJ para elas era outro país. Aliás, não sabiam o que era cidade, estado, país. Não tinham dimensão disso. E tantas outras coisas que com o tempo fui percebendo o que elas entendiam ou não. A tal ponto que consegui identificar quando não entendiam mesmo quando diziam entender. Com o tempo, elas mesmo foram criando afinidade comigo e com os professores se sentindo seguras para questionar e conversar sobre qualquer assunto.

Analisando a fala desses tradutores intérpretes, ressaltamos as seguintes opiniões do fato inicial de interpretação para surdos: segundo o T1 sobre Sol, “existe uma dificuldade no português na modalidade escrita” e o T2 sobre Lua e Estrela “(...) não tinham conceitos de coisas básicas”. Deixando bem claro que os surdos adquiram a língua materna visual, desde bebê, como diferente da língua dos ouvintes em relação da comunicação. Por ser visual, a LS possibilita uma aquisição mais rápida pelo surdo, enquanto a aquisição da modalidade escrita corresponde à alfabetização em outra língua, com diferenças sintáticas morfológicas e fonéticas.

Durante as entrevistas realizadas a respeito da estratégia utilizada pela tradução de intérprete, cuja última questão foi se é possível o uso de materiais visuais para aluno(a) surdo(a) para ajudar compreender o texto, que você enquanto tradutor intérprete usa como estratégia para a tradução na aprendizagem de textos ao aluno(a) surdo(a) na sala de aula.

Assim, elas falam de sua descrição de material visual:

> **T1:** O uso de materiais faz com que haja clareza dos sinais com seus significados, um texto pode ser classificado em diversos gêneros, então busquei lê-los, interpretar para mim mesmo e assim transpor na língua de sinais, fazendo **alusão a imagens, classificadores, incorporações e uso de tecnologias que agregassem a tradução**.
>
> **T2:** Material visual é bom para todos. Surdos e ouvintes apreendem mais com isso. Na verdade, deixo o professor a vontade quanto a isso. Eu aconselho que é melhor usar de material visual, mas não são todos que acatam a sugestão. Primeiramente, caso não tenha o material visual, explico dando características e posteriormente uso o exemplo se necessário e **depois procuro tal imagem no celular para fixar os conceitos**. Elas gostam muito de filmes, então sempre remotamos exemplos a **filmes, séries e clipes que elas veem**.

Perante esse depoimento, observamos que as imagens, classificadores, vídeos foram utilizadas em diversas atividades proporcionando o aumento da compreensão pelos alunos. Assim, o uso de ferramentas pedagógicas e tecnológicas para elucidar conceitos, como a leitura de textos realizada em sinais, sendo assim o surdo aprende pela experiência visual que, portanto, os tradutores intérpretes utilizaram a visualidade como estratégia principal nos processos de comunicação, uma vez que sua apreensão da realidade se dá pela via visual.

4.2. FALAS DE ALUNOS SURDOS

De modo final, apresento essa pesquisa com entrevistas semiestruturadas de alunos surdos cursados do 1º ano de Ensino Médio, obtendo a realização a partir de questionários contidos às perguntas abertas com recursos imagéticos, além da aplicação pelo pesquisador no uso da Libras, conversamos com três alunos surdos que se identificaram ficticiamente como Sol, Lua e Estrela.

Nisso, pensamos procurar fazer perguntas com elementos visuais e elementos multimodais para facilitar a compreensão da língua para narrarem em Libras, a fim de compreender como eles aprendem com suas percepções visuais sobre as metodologias do ensino de Libras.

A primeira questão diz respeito à língua que os alunos surdos sentem mais facilidade para compreender, perguntamos as questões com imagens abaixo apontando para eles verem o que afirmam:

Figura 6: Sobre línguas
Fonte: Elaboração própria.

As falas de Sol[8], Lua[9] e Estrela nos indicam que a importância da língua para vida de pessoas surdas para compreender é a Libras, pois é uma língua visoespacial e se apresenta em uma modalidade diferente da língua oral, uma vez que utiliza a visão e o espaço. Segundo a narração de Estrela sinalizando, com a escrita glosa: “LIBRAS PORQUE LINGUA VISUAL PERCEBER INTERPRETAR VISUAL PARA APRENDER MELHOR”, assim a Língua de sinais faz com que uma estrutura seja independente da Língua portuguesa, estabelecendo com uso de movimentos e expressões corporais e faciais que são percebidos pela visão.

[8]**Sol**: LIBRAS. LINGUA RECEBER VISÃO ENTENDER MELHOR. (Glosas)
[9]**Lua:** LIBRAS. EU NÃO ENTENDER LINGUA PORTUGUESA, LIBRAS SER MINHA LINGUA POR ISSO FICAR FÁCIL COMPREENDER MELHOR.

Além de língua visual percebida pelos surdos, perguntamos a outra questão sobre o tipo de textos produzidos para se facilitar a compreensão de leitura, usando a imagem abaixo:

Figura 7: Tipo de textos
Fonte: Elaboração própria.

A fala sinalizada de Lua nos mostrou um dos mais principais na compreensão da leitura: “IMAGEM SER FÁCIL PARA MIM PARA ENTENDER SEU SIGNIFICADO. PORQUE LINGUA PORTUGUESA TER MUITO PALAVRAS EU NÃO ENTENDER LER, MAS IMAGEM EU PERCEBER CONHECER ENTENDER”. Observando que a imagem é importante na constituição do pensamento escolar de alunos surdos, uma vez que o elemento visual pode evocar a compreensão de vários significados sem a presença de qualquer texto lido e escrito.

Assim como a fala de Sol[10] e Estrela[11], que consideravam a imagem como percepção visual para propiciar o estudo e disseram que gostavam de ver a imagem como se fosse a palavra do texto para explorar as linguagens não verbais para contextualizar a leitura, assim tornando suas significações.

Conforme o tipo de texto, um dos questionamentos dos dados apontam para o elemento de leitura e escrita que alunos surdos têm seu costume diário, com as imagens abaixo a qual eles escolheram:

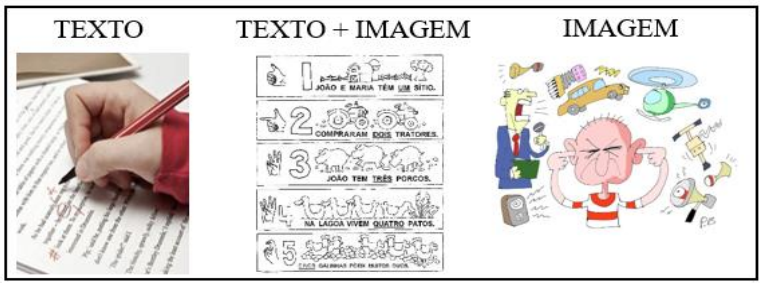


Figura 8: Tipo de textos usando leitura e escrita.
Fonte: Elaboração própria.

[10]**Sol**: IMAGEM SIGNIFICAR VISUAL VER MIM ENTENDER JUNTOS INTÉRPRETE OUVINTE ACOMPANHAR SINALIZADO PALAVRA TRADUÇÃO LIBRAS MAIS CLARO.
[11]**Estrela**: IMAGEM VER BOA EU PERCEBER VISUAL PARA APRENDER VÁRIOS ASSUNTOS.

Através dessas imagens apontados, as quais foram escolhidas pelos sujeitos entrevistados se sinalizaram, em glosas:

> **Sol**: EU GOSTAR USAR IMAGEM PARA LER, EU SÓ COPIAR TEXTO NÃO ENTENDER SIGNIFICAR, TEXTO PORTUGUÊS SÓ USAR OUVINTES, COMO EU SURDO DIFICÍL COMPREENDER, POR ISSO EU PREFIRIR IMAGEM BOA VISÃO.
>
> **Lua**: SEGUNDO, LINGUA PORTUGUESA TER PALAVRAS JUNTOS IMAGEM, EU PERCEBER COMPREENDER BEM, PORQUE INTERPRETAR VER PERCEBER FIGURAS VER PALAVRAS COMPREENDER MELHOR SEU ASSUNTO POR ISSO EU ENTENDER SÓ TEXTO E IMAGEM.
>
> **Estrela**: EU VER LER OS TEXTOS MAIS IMAGEM OBSERVAR TUDO.

Seguindo as entrevistas de alunos surdos apontados do tipo de textos utilizados no processo de leitura e escrita, percebemos que a visão desses sujeitos é diferenciada, de maneira do contexto de comunicação sociocultural entre eles, pois tem visto da fala sinalizada de Lua e Estrela afirmando que conhecem os elementos textuais compartilhados em imagem para se interpretarem melhor ao se lerem e escreverem e para proporcionar novas vivências a partir da contextualização dos mesmos. Enquanto a fala de Sol, ao contrário já ditas acima, afirmou que gosta de usar imagem para facilitar o processo de compreensão de conceitos.

A partir dos tipos de elementos multimodais elencados, observa-se que houve uma preocupação com a variedade apresentada e que as escolhas dos textos e das imagens dependiam do objetivo pedagógico em questão, como as estratégias pedagógicas utilizadas.

Perguntamos para os sujeitos surdos sobre suas dificuldades encontradas na sala de aula em relação ao ensino a qual mostramos as imagens (**Ver anexo da 4 questão**) como deu o exemplo para que eles, apesar de dominarem Libras em desenvolvimento recente, pudessem apontar, observamos a seguinte fala sinalizada de Lua em glosa:

> **Lua**: PROFESSOR EXPLICAR ORAL EU NÃO ENTENDER NADA LIVROS LINGUA PORTUGUESA ENSINAR PARA LER TEXTOS, ISSO EU ESPERAR ENTENDER MAS ENSINAR SÓ ORAL EU NÃO APRENDER E TAMBÉM CONTEÚDOS SEM IMAGEM, TAMBÉM NÃO TER INTÉRPRETE. AGORA SÓ 1º ANO TER INTÉRPRETE. OUTRA DIFICULDADE PROFESSOR DAR PROVA SÓ TER TODO TEXTO LONGO, EU NÃO ENTENDER BEM EU FICAR PREOCUPADA E SEMPRE PERGUNTAR PROFESSOR QUALQUER DÚVIDA ASSUNTO.

A partir desta investigação, as dificuldades relatadas por Lua, assim como Sol e Estrela, colocam em abordar a perspectiva educacional de ensino por boa parte de professores trabalhados sem domínio de Libras, nem domínio de conteúdos aplicados corretamente de maneira esclarecedora para com surdos, deixando a desejar que os alunos surdos sentem desmotivados em aprender. Percebemos que eles procuram incluir o apoio específico e visual, como intérprete e professor de Libras no AEE (fala de Estrela), de alguma forma, assim facilitando atividades, que envolvam habilidades escritas e sinalizadas, fazendo assim superar suas dificuldades.

Vale salientar que as falas sinalizadas dos sujeitos surdos apontam que todo docente precisa entender como as pessoas surdas se comunicam para então poder pensar na diversificação visual das estratégias de aprendizagem.

Durante as entrevistas a respeito do letramento visual, cuja quinta questão foi: "quais os materiais utilizados para estudar em casa", apresentando as imagens, como pode ser visto abaixo:

Figura 9: Material didático.
Fonte: Site de onde retirou as imagens (Elaboração própria).

Podemos verificar através das entrevistas sobre materiais utilizadas para estudar em casa, que os três alunos surdos apontam o vídeo como o mais importante na mediação visual no conhecimento cotidiano, percebendo que eles usavam quando não entenderam algumas atividades em casa e Sol[12] disse que costumava procurar vídeo se tivesse a imagem para ver e decorar palavra para tornar melhor um bom aprendizado. Assim como Lua [13]e Estrela[14] que do mesmo modo a lição de casa, nos narram a importância em

[12]**Sol**: EU USAR MATERIAL FAZER CASA É VIDEO, EU NÃO ENTENDER PALAVRA PROCURAR VÍDEO TERSINAIS EXPLICAR E DECORAR PALAVRA APRENDER E VER.
[13]**Lua**: VÍDEO AJUDAR. PORQUE PROFESSOR SÓ PORTUGUÊS EXPLICAR DEPOIS LEVAR ATIVIDADES PARA CASA, HORA LIVRE, EU FAZER ATIVIDADES QUANDO EU NÃO ENTENDER EU PROCURAR VIDEO YOUTUBE USAR LIBRAS ESTUDAR DECORAR FÁCIL RESPONDER. SÓ RESUMIR.
[14]**Estrela**: ESCOLHER VIDEO EM CASA, PORQUE EU TERMINAR COPIAR ATIVIDADES LEVAR PARA CASA, EU PROCURAR YOUTUBE PARA VER APRENDER FAZER RESPONDER, ISSO FÁCIL.

relação aos vídeos do Youtube com informações utilizadas para a comunicação da ideia, tais como uso da Libras, português escrito e imagens, assim favorecessem a aquisição de conhecimentos. Eles sentem facilidade de contextualizar o que está sendo repassado para tanto na sala de aula como em casa.

Quanto ao assunto a ser narrado, nos referimos à importância de apoio linguístico e pedagógico para contribuir a aprendizagem de alunos surdos, nos veio o desejo de saber qual o mais importante para auxilia-los na sala de aula, mostramos as imagens escolhidas:

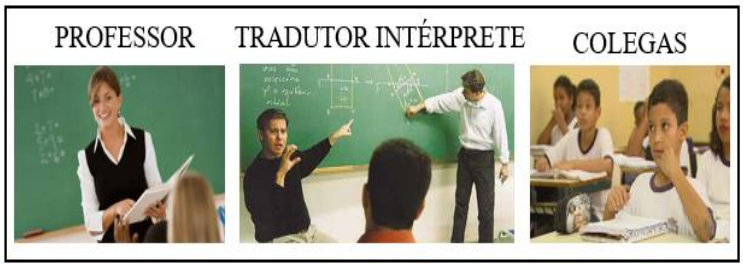


Figura10: Contribuição de alunos surdos.
Fonte: Site de onde retirou as imagens (Elaboração própria).

As narrações de alunos surdos nos destacam os intérpretes como a importância do profissional para contribuir no processo de comunicação entre eles na sala de aula. Observamos da fala sinalizada, ressaltamos as seguintes opiniões: segundo o Sol "INTÉRPRETE (OUVINTE) IMPORTANTE SINALIZADO ENTENDER MAIS CLARO PROFESSOR ENSINAR". Apesar de ocorrer ausência de comunicação sinalizada pelos professores regentes (alguns citam que ainda vão aprender Libras a partir da chegada de alunos surdos), os intérpretes atuam como a transmissão dos conteúdos a serem ensinados, durante o processo.

Assim, Lua[15]e Estrela[16] relatam que sempre procuraram os tradutores interpretes para compreender os conteúdos abordados e transmitidos visualmente com maior clareza. Percebemos que, certo ponto, o papel do tradutor intérprete é mais importante para auxiliar o professor com informações e direcionamentos do que realizar adaptações metodológicas, de modo visual, para verificar o aprendizado.

[15]**Lua**: INTÉRPRETE AJUDAR MUITO, PORQUE PROFESSOR ENSINAR ORAL EU NÃO ENTENDER COMO TAMBÉM MUITOS, EU PERGUNTAR VÁRIAS VEZES INTÉRPRETE TRADUZIR.
[16]**Estrela**: IMPORTANTE INTÉRPRETE PORQUE PROFESSOR SEMPRE ENSINAR INTÉRPRETE TRADUZIR LIBRAS EU VER MLHOR, QUANDO EU CHAMAR PROFESSOR ME AJUDAR O QUE OS TEXTOS FALAR E INTÉRPRETE ME TRADUZIR VISUALMENTE ENTENDER CLARO MELHOR.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir dos estudos realizados, compreende-se que há possibilidade no processo de ensino a inserção dos recursos visuais, a partir da percepção na aprendizagem de alunos surdos na forma de comunicação surgida na escola matriculada.

Por meio dessa análise, identificamos em alguns relatos que se faz necessário um aperfeiçoamento nos profissionais para melhor comunicação na língua materna do aluno surdo, os seguintes pontos de observação nas entrevistas obtidas: aluno Sol aprendeu Libras e conheceu cada palavra com seu significado apenas nessa escola do Ensino Médio por conta de apoio especifico existente, com professor de Libras no AEE, com intérprete de Libras e outro trabalho desenvolvido em Libras, tendo visto que ele nunca teve oportunidade de adquirir conhecimento de Libras da escola matriculada anteriormente. Como afirmaram que já recebeu o apoio pedagógico, porém não havia o ensino sinalizado de forma eficaz. Diferentemente de processo comunicativo de Lua e Estrela, as ambas são gêmeas surdas, elas desenvolveram bastante seus sinais em nível linguístico por contato com a Libras, adquiriram esse conhecimento na escola onde são matriculadas. Antes a compreensão linguística não era contextualizada, porém hoje elas dominam a Libras.

Entretanto, resultam-se as principais estratégias de tradução e de apoio nos recursos visuais que podem ser usadas no dia-a-dia da sala de aula para favorecer a melhoria na conexão comunicativa, o que aconteceu depois de obtenção: os alunos apresentam pela primeira vez seminário e seu trabalho exposto, para tanto na sala de aula como público no científico, que segundo os tradutores intérpretes constataram que Sol conseguiu apresentar através de desenho para mostrar o conceito do tema, assim como Lua e Estrela, apresentaram sinalizando seu trabalho científico, que aconteceu na feira do conhecimento em outro município.

De modo geral, o letramento visual é importante ressaltar que o apoio da leitura e escrita envolve no desenvolvimento de aprendizagem de alunos surdos pesquisados a qual eles obtêm na construção do conhecimento por meio de visão receptiva, uma vez que o receptor utiliza os olhos para entender a comunicação, algo da maior importância, não apenas para alfabetização, mas, de forma natural, para aquisição de linguagem que eles convivem no meio de língua, como o tal do uso de Libras, que seja visual ou escrita, no interior da escola.

Os resultados desta pesquisa, que apresentamos cada detalhe no seu ponto de vista de entrevistas analisadas em relação dos objetivos específicos seguintes: por um lado, as estratégias utilizadas no ensino para os alunos surdos foram possíveis verificar o quanto a Libras pode efetivamente contribuir na construção visual da comunicação para melhorar e esclarecer suas atividades, tornando possível a adaptação destas para um melhor rendimento dos alunos. Por outro lado, sua percepção visual sobre as metodologias do ensino de Libras trabalhados aos alunos surdos, percebemos que os alunos surdos ficaram claros a compreensão de que as imagens mostraram em sua entrevista para poder expressar, visto que eles já conseguem desenvolver a comunicação no uso de Libras.

Enfim, esses objetivos refletem a importância de entendimento, considerando a questão do processo da comunicação e relação à construção de letramento dos alunos surdos na sala de aula, e também envolveu as experiências adquiridas na pesquisa da escola trabalhada com apoio nas práticas pedagógicas, como garantia dos recursos necessários na possibilidade nas ações educativas que sejam desenvolvidas, portanto, no processo de aprendizagem significativa de alunos surdos em comunicação.

REFERÊNCIAS

BALDO, C. F.; IACONO, J. P. **Letramento para alunos surdos através de textos sociais**. Artigo cientifico: PDE - Programa de Desenvolvimento da Educação, Curitiba, 2009. Disponível: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1905-8.pdf. Acesso em 11 Jan 2019.

BRASIL. **Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 08 abr. 2018.

BOTELHO, P.. **Surdez, leitura e linguagem**. In: Linguagem e letramento na educação de surdos: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 61-110.

FIGUEIREDO, L. C.; GUARINELLO, A. C. **Literatura infantil e a multimodalidade no contexto de surdez: uma proposta de atuação**. Revista Educação Especial, Santa Maria. v. 26, n. 45, p. 175-193, jan./abr. 2013.

GNL - THE NEW LONDON GROUP. **A pedagogy of multiliteracies**: designing social futures. The Harvard educational review, v. 1, n. 66, p. 60-92, 1996.

GESUELI, Z.M.; MOURA, L. de. **Letramento e Surdez**: a visualização das palavras. ETD – Educação Temática Digital. Campinas, v.7, n.2, 2006. pp 110-122.

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas, 2008.

GOLDFELD, M. **Linguagem e cognição numa perspectiva sócia- interacionista**. São Paulo. Plexus. 1997.

GUARINELLO, A C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KOBER, D. C.. **Práticas de letramento na educação de surdos: de qual lugar falamos?** In: MOURA, M. C.; VERGAMINI, S. A. A.; CAMPOS, S. R. L. (orgs.). **Educação para surdos**: práticas e perspectivas. São Paulo: Santos, 2008. p. 161-187.

KRESS, G. **Multimodality**: a social semiotic approach to communication. London/New York: Routledge. 2010

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London; New York: Routledge, 2006.

LACERDA, C. B.F. de; ALBRES, N. A; DRAGO, S. L. S. **Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo**. Educ. Pesqui. 2013, v.39, n. 1, p. 65-80.

LINS, H. A. M.; MARTINS, L. M. N. **Tecnologia e educação de surdos: possibilidades de intervenção.** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 2, p. 188-206, maio/ago. 2015.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. **Uma escola, duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LOPES, M. C. **Surdez & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, A. R. e YODOVICH, F. I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NASCIMENTO, Roseli Gonçalves do; BEZERRA, Fábio Alexandre Silva; HEBERLE, Viviane Maria. **Multiletramentos**: iniciação à análise de imagens. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 14, n. 02, p. 529-552, jul./dez. 2011.

MARTINS, V.R.de O. **Intérprete de língua de sinais, Legislação e Educação**: o que temos, ainda, a "escutar" sobre isso. ETD (Educação Temática Digital): Cuerpo, Lenguaje y Enseñanza. Vol. 8, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 19.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____**. O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOREIRA, P. A. L. **O fator lingüístico na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda**. Artigo. Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade. Editora: Arara azul. Salvador. 2007. Disponível em: http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/03/compar1.2.php.

OLIVEIRA, M. K. VYGOTSKY: **Aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, S. **Texto visual e leitura crítica**: o dito, o omitido, o sugerido. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, 2006

QUADROS, R. M. de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**/ Ronice Müller de Quadros, Magali L. P. Schmiedt. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RIBEIRO, Marília de Fátima C.; SANTO Wladia Félix E.. **Libras**: língua materna do surdo brasileiro. In: ROSA, Suely Pereira da Silva et al. Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Inclusão. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

RINALDI, Giuseppe (Comp.). **Educação especial, deficiência auditiva**. Brasília: MEC/UNESCO, 1997.

ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos**: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima [et al]. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004. 2º v.: il. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTOS, F. M. dos. **Análise de conteúdo:** a visão de Laurence Bardin**.** Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012.

SKLIAR. C. (org.) **A surdez:** um olhar sobre as diferenças**.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____. (org.) **Educação & exclusão – Abordagens Sócio-Antropológicas em Educação Especial.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

_____. **Abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. In: SKLIAR, Carlos (Org.). Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SLOMSKI, V. G. **Educação bilíngue para surdos**: concepções e implicações práticas. Curitiba: Juruá, 2012. p.124.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 2’ ed, 11ª reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOFIATO, C. G. **O Desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira**. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas,2005

STOKES, S. **Visual literacyin teaching and learning**: a literature perspective**. Eletronic Journal for the integration of technology in Education,** v. 1, n. 1, p. 10-19, 2002.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

WRIGLEY, O.. **Política da surdez.** Washington: Gallaudet University Press, 1996.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Para alunos surdos

Sexo: _____ Idade: _____
Série: _____ Turno _____

1- Qual a língua que você sente mais facilidade para compreender?

LÍNGUA PORTUGUESA

LIBRAS

1- Qual dos textos produzidos, facilitaria para você?

TEXTO

O Patinho Feio

Era verão quando nasceu o Patinho Feio. Surgiu de dentro de um ovo tão grande que todos pensaram tratar-se de um ovo de peru que por acaso caíra num ninho de pata.

— Que pato mais feio! — ouvia ele quando sua mãe o levava pelo quintal. As outras aves riam, caçoavam de seu tamanho e tentavam bicá-lo.

O Patinho Feio sentia-se tão infeliz e malquisto que resolveu fugir. Atravessou os campos e encontrou alguns patos selvagens.

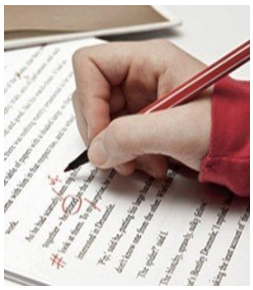
— Como você é feio! — disseram-lhe também.

Mas aceitaram sua companhia, contanto que ele jamais se casasse com uma pata selvagem. O Patinho Feio não queria se casar. Desejava apenas um lugar para ficar.

IMAGEM

2- Qual o tipo de textos você costuma ler e escrever?

TEXTO



TEXTO E IMAGEM

IMAGEM

3- Descreva as dificuldades encontradas na sala de aula, como você sente em relação ao ensino? Quais?

Por exemplo:

SEM USO DE LIBRAS

CONTEÚDO SEM IMAGEM

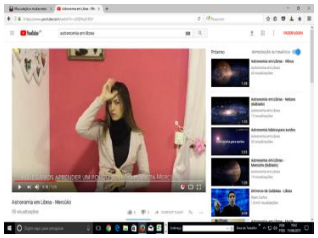
ORALIZAÇÃO

4- Quais os materiais utilizados para estudar em casa?

LIVRO DIDÁTICO

CADERNO
(Cópias pelo professor)

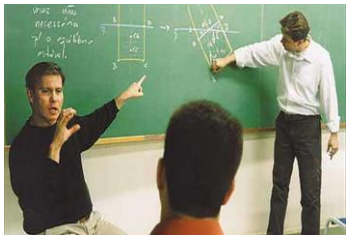
VIDEO (Youtube, etc)



5- Se você tivesse que escolher um desses profissionais, qual o mais importante para te auxiliar na sala de aula? Por quê?

PROFESSOR

TRADUTOR INTÉRPRETE



COLEGAS

APÊNDICE B - Para tradutores intérpretes de Libras

Sexo: _____ Idade: _____

Formação: _____ Tempo de experiências _____

1. Baseado na sua atuação como interprete, como você avalia o nível de comunicação de aluno surdo? Como o aluno surdo está se desenvolvendo?

_____

_____

_____

2. Qual a importância da Libras para sua estratégia de tradução com alunos surdos? Quais são essas estratégias?

_____

_____

_____

3. Como você analisa a comunicação dos alunos surdos? Tem progredido depois da chegada de interprete? Como?

_____

_____

_____

4. Existiu alguma dificuldade no início com relação a transmissão dos conteúdos e assimilação em sala e a comunicação de ambos? Quais foram?

_____

_____

_____

5. Como é possível o uso de materiais visuais para aluno(a) surdo(a) para ajudar compreender o texto? Que materiais visuais você usa como estratégia para a tradução na aprendizagem de textos ao aluno(a) surdo(a)?

_____

_____

_____

ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa **LETRAMENTO VISUAL: UMA PERCEPÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO MÉDIO**. Que é coordenada por Francisco de Acací Viana Neto.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Esta pesquisa procura investigar, a partir de entrevistas semiestruturadas de alunos surdos que cursam o Ensino Médio de uma escola estadual no interior do Rio Grande do Norte, bem como os intérpretes que os acompanham, objetivando analisar como acontece a aprendizagem de Libras através do letramento visual.

Essa pesquisa apresenta-se como um instrumento de valorização e evidenciação do ensino através da Libras, que embora, ainda não seja disciplina obrigatória no ensino regular, é de grande relevância o seu uso para o entendimento dos alunos surdos.

Caso decida aceitar o convite, o aluno e o tradutor intérprete será submetido ao seguinte procedimento: entrevista semiestruturada sinalizada. Será realizada no local de escolha do entrevistado, desde que seja um espaço tranquilo e favorável para a realização das entrevistas e seu conteúdo gravado em vídeo para posterior transcrição e análise dos dados.

Os riscos envolvidos com sua participação, quanto ao aluno: ao falar sobre suas experiências sobre seu processo de ensino, o participante da pesquisa pode apresentar algum tipo de desconforto e sofrimento, que será minimizado através da seguinte providência: estaremos atentas a qualquer desconforto e, não vamos explorar falas que tragam angústia para o participante da pesquisa. Se ele desejar, interromperemos a qualquer momento a entrevista.

Os riscos envolvidos com sua participação, quanto ao intérprete: ao falar sobre suas estratégias de tradução, o participante pode ficar constrangido ou sentir algum tipo de desconforto ao se expor, mas será minimizado através da seguinte providência: estaremos atentas a qualquer desconforto e, não vamos explorar falas que tragam angústia para o participante da pesquisa. Se ele desejar, interromperemos a qualquer momento a entrevista.

Você terá os seguintes benefícios ao participar da pesquisa: ao falar sobre suas experiências no seu processo de ensino bem como das suas estratégias de tradução, o entrevistado pode compreender melhor seu processo de ensino (para os alunos) e suas estratégias de tradução (para os intérpretes), dando outro sentido as suas experiências. A pesquisa poderá contribuir para a melhoria do ensino de pessoas com surdez e a formação de futuros tradutores de Libras, que poderão entender melhor o processo de ensino da pessoa com surdez.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Se você tiver algum gasto que seja devido à sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

Você ficará com uma cópia deste Termo e toda dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Francisco de Acací Viana Neto, na rua Cândido Rosendo, 263, Centro, Caraúbas, RN, ou pelos números de telefone (84) 99669-5322 (whatsapp).

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos ebenefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa. Do fazer ao analisar: percepção na aprendizagem de alunos surdos, através de letramento visual.

Participante da pesquisa ou responsável Legal:

_____

Pesquisador responsável:

_____

Francisco de Acací Viana Neto

Digital do participante ou responsável Legal